

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**O educar que se repele: um estudo sobre escolarização e
profissionalização futebolística em Florianópolis**

Daniel Machado da Conceição

Florianópolis-SC

Julho-2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Da Conceição, Daniel Machado

O educar que se repele: um estudo sobre escolarização e
profissionalização futebolística em Florianópolis / Daniel Machado da
Conceição; Orientadora, Miriam Pillar Grossi - Florianópolis, SC, 2013.
p. 35

Trabalho de Conclusão de Licenciatura (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências
Humanas. Graduação em Ciências Sociais.

Inclui referências

1.Ciências Sociais. 2.Escolarização. 3.Estudante-atleta.
4.Profissionalização. 5.Futebol. I. Grossi, Miriam Pillar. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

Daniel Machado da Conceição

**O educar que se repele: um estudo sobre escolarização e
profissionalização futebolística em Florianópolis**

Trabalho de Conclusão de Licenciatura em Ciências Sociais aprovado com nota 9,0 como requisito final para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais pelo curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina.

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Profa. Miriam Pillar Grossi, Dra.

Membro: Prof. Alexandre Fernandes Vaz, Dr.

Membro: Prof. Jacques Mick, Dr.

Florianópolis, 10 de Julho de 2013.

Sumário

1. Resumo.....	5
2. Introdução	7
3. Aproximação e afastamento entre escola e esporte.....	11
4. As pesquisas atuais.....	15
5. Trajetória do jovem estudante-atleta.....	17
6. Uma escola frente à profissionalização e a formação futebolística.....	20
7. Conclusão.....	31
8. Referências.....	33

RESUMO

O esporte, durante o século XIX, é admitido ao processo de escolarização como sinônimo de educação. Seu propósito é favorecer a formação dos jovens. Observamos que durante os séculos XIX e XX há um movimento de aproximação entre a escola e o esporte. Mediante o processo de racionalização e de fragmentação do conhecimento, cada vez mais essas duas esferas se consolidam como independentes. O artigo convida a refletir sobre a relação entre a escolarização e a profissionalização esportiva, na medida em que uma pode interferir na outra. A pesquisa tem como foco o olhar dos gestores de uma escola pública estadual no município de Florianópolis. Escola que mantém parceria com um clube de futebol profissional e atende 56 estudantes-atletas. A pesquisa permite entender como ocorre a intermediação entre a escola e o clube quanto à escolarização e ao aprendizado do estudante-atleta. Para coleta dos dados foram realizadas visitas às instituições envolvidas e análise do conteúdo das entrevistas a dois profissionais gestores da escola e a um profissional do clube de futebol. A proposta é discutir como duas instituições que professam a profissionalização se relacionam na formação do estudante-atleta. Escolarização e formação esportiva, opostos que se amparavam em prol de um bem maior, agora como polos iguais se repelem, ou melhor, repelem a educação. Essa hipótese no trabalho pode ser identificada na estrutura de mercado em que as instituições estão inseridas. No entanto, junto aos profissionais que atuam com o estudante-atleta, a essência de uma educação plena parece permanecer como objetivo central.

Palavras-chave: Escolarização. Profissionalização. Futebol. Estudante-atleta. Formação.

ABSTRACT

Throughout the 21st century, the sport is admitted to the schooling process as synonymous with education. Its purpose is foment the training of young people. During the 19th and 20th century, we observed an approach movement between school and sport. Through the process of rationalization and fragmentation of knowledge, these two fields are increasingly consolidating as independent. The article's goal is to speculate over the relation between schooling and professional sports while one can interfere with other. The research focuses the management's view in a public school in the city of Florianópolis. This public school has a partnership with a professional soccer team and attend 56 student athletes. The research allows us to understand how the mediation between school and professional soccer team works in relation to student athletes schooling and learning. For data collection, visits were made to the institutions involved as well as interviews with two professional managers from school and one professional manager from the soccer team. The proposal is to discuss how two institutions committed to the professionalization relate in training student athletes. Schooling and sports training, opposites that sustain each other towards a greater good, now as identical ends that repel each other - and moreover, repels the education. This hypothesis at work can be identified in the market structure where the institutions are inserted. However, with professionals working with student athletes the essence of a full education seems to remain as the main objective.

Keywords: schooling. professionalization. soccer. student athlete. training.

Introdução

Minha trajetória durante a graduação em Ciências Sociais foi marcada pela participação no Núcleo de Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC/CED/UFSC), coordenado pelo Prof. Dr. Alexandre F. Vaz, e mais precisamente pelo Grupo Esporte e Sociedade, onde fui voluntário e depois bolsista de iniciação científica (CNPq).

As discussões com a temática do esporte renderam o convite para integrar o projeto mais amplo, que estuda o perfil do estudante-atleta¹ no Rio de Janeiro e em Santa Catarina (BASSANI et al., 2012) e cujo objetivo é analisar a densa rede de fatores relacionados à escolarização e à profissionalização futebolística. A investigação aponta para o estudante-atleta que, enquanto possuidor de sonhos e objetivos advindos da expectativa de futuro que o esporte de alto rendimento pode oferecer, tende a relegar a escolarização para o segundo plano. Está no cerne da proposta deste trabalho descrever as maneiras encontradas para mediar duas formações que se equiparam como expectativas de futuro com o olhar do estabelecimento escolar.

Esse olhar sobre a escola nos é instigado pelo fato de os estabelecimentos escolares possuírem uma postura de **flexibilização**² para atender o aluno-atleta, que possui condições especiais de tempo devido à rigidez dos horários de treinamento e viagens para competições, que influenciam diretamente sua frequência e participação nos bancos da sala de aula. Alguns arranjos práticos são elaborados para que o jovem atleta continue sua escolarização sem tantas perdas para seu desenvolvimento. Portanto, o interesse na discussão, além de permitir o contínuo desenvolvimento da pesquisa sobre escolarização e profissionalização futebolística, alcança um tema específico para melhor entender as estruturas envolvidas no processo de profissionalização futebolística. A proposta deste projeto está, portanto, na avaliação da escola sobre a prática concomitante da formação futebolística de seu estudante-atleta.

O estudante-atleta pode ser entendido como uma intersecção entre dois campos: da escola e do esporte. O termo utilizado para designá-lo envolve dois papéis sociais que não podem ser separados durante sua adolescência e juventude, e são garantidos por lei

¹ Termo utilizado para designar o jovem estudante pertencente a categorias de base em diferentes modalidades esportivas. Primordialmente, esse jovem está inserido em atividade de formação focada no alto rendimento, projetando sua profissionalização; concomitantemente, ele desenvolve sua escolarização.

² Flexibilização faz referência às práticas adotadas que facilitam a permanência do jovem na escola. Algumas dessas práticas podem ser percebidas na alteração da data de provas, no aumento do prazo para entrega de trabalhos e a chegada ou saída fora do horário com anuência da direção da escola.

– com o Estatuto da Criança e do Adolescente³ e a Lei Pelé⁴. Seu desenvolvimento como cidadão e futuro profissional no mercado de trabalho está diretamente relacionado ao seu acolhimento por essas duas entidades investigadas.

O clube de futebol profissional escolhido na cidade de Florianópolis foi o Avaí Futebol Clube, de grande expressão regional e nacional, que atualmente está entre as quarenta agremiações de melhor estrutura⁵ no país. A escola investigada encontra-se no bairro Carianos, na região sul da Ilha de Santa Catarina, área onde se localiza o aeroporto da cidade. A escola possui proximidade com o referido clube e seu centro de treinamento. Em razão de tal cercania, desde 2004 realiza-se uma parceria com o clube para atender os jovens atletas no quesito escolarização.

Destacamos a relação entre duas instituições de importância, a escola e o esporte, que em parte são responsáveis pela “educação” e formação de crianças e jovens. Precisamos ressaltar que o termo **esporte** neste trabalho será apresentado no primeiro momento como ferramenta pedagógica, que também representa um fenômeno social que se tornou, em nossa sociedade, um veículo de ascensão e mobilidade social. A modalidade esportiva escolhida como foco de observação é o futebol de campo, esporte com grande expressão e apelo nacional. Marcos Guterman (2009, p. 9) argumenta que “o futebol representa a identidade nacional e que consegue dar significado aos desejos de potência da maioria dos brasileiros”, assim, pode-se dizer que “o futebol explica o Brasil”. O antropólogo Roberto DaMatta (1982, p. 21) descreve o futebol como um “veículo para uma série de dramatizações da sociedade brasileira”, um palco onde o tecido social é representado no jogo que carrega consigo a ludicidade “a serviço de todo um outro conjunto de valores e relações” (DAMATTA, 1982, p. 26). José Miguel Wisnik (2008, p. 12) sintetiza dizendo que o futebol é “como o nó cego em que a cultura e a sociedade se expõem no seu ponto ao mesmo tempo mais visível e invisível”.

As práticas esportivas em geral professam valores de socialização, no entanto não podemos esquecer que seu modelo mais disseminado remete ao alto rendimento econômico, à competição e ao espetáculo.

A educação é um processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral, que visa à melhor integração social. Também está vinculada ao que convencionamos relacionar com polidez, cortesia, delicadeza e civilidade. Essas características exprimem o esperado com a educação, um processo de adaptação dos

³ Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990. Acesso em:

<http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/785/estatuto_crianca_adolescente_7ed.pdf>.

⁴ Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998. Acesso em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19615consol.htm>.

⁵ A estrutura do Centro de Formação de Atletas (CFA) pode ser visualizada no *site*, pelo *link*: <<http://avai.com.br/oclube/cfa/>>.

indivíduos aos valores compartilhados por uma determinada sociedade. Um dos clássicos da sociologia, Émile Durkheim (2001), entendia, já no início do século XX, que não pode existir sociedade sem uma homogeneidade, “a educação perpetua e reforça essa homogeneidade, fixando de antemão na alma da criança certas similitudes essenciais, reclamadas pela vida coletiva”. Dessa maneira, a educação pode ser pensada como promotora de socialização que, conformadora, resulta em controle social. A educação, por estar no âmbito dos valores, deve ser enquadrada na superestrutura de uma sociedade, enquanto a instituição escola é utilizada para reproduzir aquilo que é vigente.

Observar o movimento presente na educação e o caráter formador da instituição escolar remete às experiências que envolvem os discursos produzidos em determinado contexto histórico. Muito características de cada momento são a inclusão de práticas e a formatação de currículos que idealizem os anseios da sociedade. Álamo Pimentel (2002) chama atenção para os espaços de socialização, entre eles a escola que, reprodutora dos valores dominantes, expressa-os no Projeto Político Pedagógico (PPP) e no seu currículo oculto. A construção do currículo promove a relação entre professor e aluno baseada na imitação, na repetição e na memorização. A ênfase concentra-se em um conhecimento enciclopédico, característico do Ocidente e representado pela fragmentação das disciplinas. Pimentel (2002) enfatiza a necessidade de o professor estar aberto e atento para o movimento constante de mudanças, pois assim poderá perceber rupturas na estrutura que lhe é imposta, o que possibilitará um novo horizonte dentro do que está dado.

Em certa medida, a prática corporal/jogo parece percorrer o mesmo trajeto com o momento de proximidade com a escola, e em outro de maior distanciamento. Esse envolvimento parece sempre presente no desenvolvimento do que entendemos ser humanidade, representada nos seus conceitos civilizatórios.

O domínio do corpo foi destinado à natureza primeira a ser vencida, isto é, trava-se uma luta interna para vencer a grande natureza que lhe é externa. Os vários treinamentos impostos pelo homem a ele mesmo por meio da dança, dos rituais e dos jogos serviam para aprimorar sua capacidade de disputa com a natureza externa. Com a ampliação dos grupos, a passagem para comunidades e/ou sociedades, a luta contra a natureza passa para o segundo plano e a luta com outros homens se torna aparente. A luta, diretamente, não é apenas com o uso de habilidades no manuseio de determinada ferramenta ou instrumento belicoso, mas envolve a capacidade de concentração, raciocínio, destreza, dedicação, sacrifício e de viver sobre regras morais (ELIAS, 1992). São valores construídos e facilmente identificados nos heróis e guerreiros retratados em livros e filmes

diversos. Esses valores são inegáveis no momento de interação durante as atividades descritas por Huizinga (2007) como lúdicas, e que fazem do esporte uma prática capaz de socializar os indivíduos.

Essas características lúdicas favoreceram o funcionamento das cidades durante o século XVIII e XIX, pois a mudança da população rural para os centros urbanos faz com que as pessoas busquem atividades de distração em meio à rotina do trabalho. A massa constituída de recém-chegados do meio rural traz suas festas para o meio urbano. As festividades, presentes desde longa data nas cidades, têm sua magnitude ampliada e, conseqüentemente, alguns fenômenos intrínsecos. O jogo praticado em atividades festivas e religiosas mobiliza a população local e de seu arredor. Esse fato gera o contato entre jogo e política, pois as autoridades governamentais proíbem determinadas atividades corporais, pelos motivos da perturbação da ordem e da exposição da barbárie que as festividades acabavam por promover.

Os jogos sofrem reprimendas e são excluídos das festividades, muito por sua relação com religião e o meio rural, pois o projeto de modernidade por meio do racionalismo propaga o desencantamento do mundo, e seu objetivo é contrário a tudo que fora relacionado à sacralidade, e então suas expressões são depreciadas. O jogo sofre ataque por ser expressão de religiosidade vinculada aos mitos e divindades, além da barbárie presenciada em algumas de suas práticas que não pertenciam ao processo civilizatório no qual as cidades se inseriam.

O que entendemos como esporte, e um primeiro momento tem sua essência relacionada ao jogo praticado em festividades. Encarado como atividade lúdica, sofre alteração de sentido, passando, em meados do século XIX, a designar atividade corporal com caráter competitivo, e durante o século XX ocorre a intensificação do alto rendimento. O princípio responsável por essa mudança e início de sua nova apropriação ocorreu na incorporação de algumas atividades ou exercícios nas *public schools*, escolas elitistas da Inglaterra, onde o esporte passa a receber um novo caráter de utilidade.

Parece indiscutível que a passagem do jogo ao esporte propriamente dito tenha se realizado nas grandes escolas reservadas às elites da sociedade burguesa, nas *public schools* inglesas, onde os filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia retomaram alguns jogos populares, isto é, vulgares, impondo-lhes uma mudança de significado e de função [...] (BOURDIEU, 1983, p. 139).

As modalidades agora então consideradas de elite, e a ela pertencentes, recebem sua carga de utilidade, são vistas como formadoras de caráter e estimuladoras de saúde, bem como de aptidões necessárias para o convívio em sociedade e gestão de negócios futuros. Além de ser ótima oportunidade para os jovens alunos extravasarem suas

energias. Sua utilidade passa a ser valorizada por não envolver grande soma de investimento financeiro em sua realização (BOURDIEU, 1983, p. 146).

Os jogos e suas práticas corporais apropriados pela elite ganham utilidade, regras e regulamentos, tornam-se mais racionais. Essa mudança o promove ao *status* de esporte. No princípio um momento relacionado a festividades, logo atacado pelo Estado em vista da manutenção da ordem, torna-se um projeto da elite de iniciativa social privada. Ao retornar a população, o Estado não mais o inibe, mas o incentiva, tomando até mesmo o controle de suas ações e tornando-o, inclusive, veículo de iniciativas de reconhecimento e de sentimentos nacionais. Conforme Bourdieu (1983, p. 144), “o esporte nasceu dos jogos populares, produzido pelo povo, retorna ao povo sob a forma de espetáculo produzido para o povo”. Assim, o povo sendo representado pela sociedade. Roberto DaMatta (1982, p. 21) afirma que “o esporte *faz alguma coisa para, com ou contra* a sociedade, podendo ser instrumento neutro, negativo ou positivo [...]”.

Essa primeira parte do trabalho traz uma introdução ao tema central – estudante-atleta –, partindo de um ideal de educação que se transforma mediante o período e contexto histórico, e que pode ser sentida no esporte (futebol) e na escola apresentando duas formas de profissionalização futura. O segundo momento demonstra como o sistema de ensino se apropria do esporte para uma melhor formação do indivíduo durante o século XIX. No século seguinte, transformações podem ser sentidas na escola e no esporte, que se equiparam como caminhos de formação profissional. A terceira seção apresenta parte dos trabalhos atuais que envolvem o tema relacionado ao estudante-atleta. Nesse ponto ficarão mais evidentes os objetivos propostos com a pesquisa, pois se apresenta uma lacuna ainda não investigada para entender as instituições e os personagens envolvidos no desenvolvimento e na formação do jovem estudante e atleta. A parte seguinte do trabalho apresenta o resultado dos primeiros passos dados na direção de entender a mediação que envolve as relações aluno–escola, estudante-atleta e atleta–clubes. Logo, algumas considerações finais serão apresentadas na última parte do trabalho.

Aproximação e afastamento entre escola e esporte

Uma característica muito peculiar associada à distinção entre a escolarização e as práticas corporais está na transmissão e na apreensão do conhecimento encarado como educativo. A escola idealiza-se como detentora de conhecimento intelectual; por outro, lado o jogo tem o corpo e as atividades físicas como elementos norteadores. Tal distinção

se caracteriza pelo fato de uma se opor à outra no que tange ao objeto a ser desenvolvido: em uma a mente, na outra o corpo. Na trajetória das duas instituições, os movimentos de aproximação foram constantes, privilegiando ora uma ora outra. No projeto iluminista, Rousseau (1995), ao pensar a educação, vislumbrava a completude de ambas, e na construção do personagem Emílio criou um ideal de jovem que tivesse “a razão de um sábio e o vigor de um atleta”.

Em sua proposta, Rousseau é elucidativo para compreendermos o motivo de a escola e o jogo realizarem uma aproximação mais íntima após a Revolução Industrial. Como polos opostos, a escola detentora de conhecimento intelectual e o jogo de ênfase corporal realizam uma avizinhação que objetiva favorecer a capacidade de aprendizado dos jovens na escola, pois essa junção promoveria a formação plena do cidadão. As supostas qualidades presentes no esporte favoreceriam a educação formal. De maneira funcional, os valores obtidos por meio do embate e combate nas modalidades físicas serviriam para a formação do caráter dos indivíduos, colocando-os mais aptos para as situações de decisões em suas vidas, ocupando posições de gerenciamento e administração de empresas (LASH, 1983, p. 147). Assim, o jogo passa a ser admitido ao processo de escolarização como sinônimo de educação, com o propósito de favorecer a formação dos jovens. Em outras palavras, a atividade física, diretamente associada ao controle ou extravasamento de energias corporais, serve de auxílio para uma melhor formação do sujeito e para o que entendemos como educação (BOURDIEU, 1983, p. 146).

A priori, a educação engloba um conjunto de características que possibilitam ao indivíduo viver em sociedade. Mais do que conhecimentos específicos, é sua constituição como ser, sua formação como sujeito que possibilita que se relacione com a natureza e com outros iguais. A capacidade de apreensão das convenções da sociedade em que vive é o que lhe torna apto a refletir sobre atos e ações de maneira macrosocial, ao invés de limitar-se a seu microcosmo. Escola e esporte, enquanto polos opostos, professam a capacidade de, em conjunto, realizarem esse objetivo. No entanto, a sociedade como um organismo dinâmico sofre transformações, e estas refletem-se em suas instituições. A escola passa por transformações ideológicas, isto é, o processo de especialização de determinados conhecimentos se intensifica durante o século XX. A necessidade de formar profissionais aptos a desempenhar funções dentro do modelo de produção passa a ser seu objetivo central. A preocupação com o sujeito que interage em diversas situações é suplantada pelo desejo de apenas saber algo específico. De certa maneira, o esporte também passa por tal processo, para além de valores aceitos no seu ideário, culminando

com a busca por um desempenho cada vez mais favorável ao alto rendimento e a conquista de recordes. A superação dos limites incute uma nova relação na maneira de lidar com o corpo. O jogo se torna sério e dá lugar ao esporte como conhecemos atualmente. Então, autores como Norbert Elias (1992) e Pierre Bourdieu (2003) percebem que o caráter de alto rendimento na busca de superar limites; a consolidação de regulamentos; e os órgãos reguladores marcam o processo entendido como esportivização.

Anteriormente, o corpo era o que constituía o homem, logo passou a ser seu instrumento, ferramenta para desempenhar também tarefas específicas. A relação que a princípio separava o indivíduo e seu corpo da natureza externa, no século XX, o separa de seu próprio corpo, agora também identificado como natureza externa ou como ferramenta a ser trabalhada. Esse processo, apresentado junto à Teoria Crítica, revela o caráter de mudança na educação imposta à escola e que também se faz presente no esporte (BASSANI; VAZ, 2008). Ao pensarmos em uma linha sistêmica, ponderamos com Morin (2000) sobre a racionalização, que se torna o extremo da racionalidade. A racionalização passa a ser uma busca por solucionar os problemas da humanidade incutindo a necessidade de conhecer cada vez mais a especificidade. Habermas (1984), em sua crítica sobre a modernidade, identifica que o projeto iluminista não conseguiu produzir o resultado esperado e só contribuiu para formação de especialistas. A escola, por meio da racionalização, dirige seu foco para formar indivíduos especialistas a desempenhar com sua mente uma determinada profissão. O esporte, por sua vez, forma indivíduos adaptados a desempenhar com seu corpo uma modalidade específica. No processo descrito como esportivização, o caráter de alto rendimento passa a permear a trajetória do esporte em nossa sociedade contemporânea. Concomitantemente, a escola amplia seu objetivo de formar o indivíduo para a vida adulta primordialmente com base em sua força produtiva, isto é, formar pessoas aptas a manter sua sobrevivência por meio da capacidade para desempenhar as atividades produtoras de riqueza. A aprendizagem deve acontecer na assimilação de uma profissão com a qual seja possível garantir o suprimento de suas necessidades básicas.

Podemos perceber que inicialmente houve um movimento de aproximação entre escola e esporte para formação do indivíduo pleno. Mediante o processo de racionalização e de fragmentação do conhecimento, cada vez mais as especificidades transpassam essas duas esferas. A escola intensifica a formação de profissionais para o trabalho em diversas áreas, e o esporte passa de ferramenta pedagógica para possibilidade de futuro, isto é, pode-se viver do esporte, que agora também forma

indivíduos profissionais. Assim, o que anteriormente aproximava escola e esporte no objetivo de desenvolver sujeitos, agora como iguais polos formadores de profissionais, distanciam-se um do outro, e por fim da própria educação. Ao se tornarem polos iguais, repelem o ideal de educação pautado na completude de corpo e mente; a racionalidade dá espaço para a racionalização da atividade, que deve ser admitida como alienação do sujeito.

É preciso, portanto, admitir que o jogo esportivo que, na sua pureza original, surge como atividade libertadora por excelência, pode ser falseada, brusca ou gradualmente, por caminhos de que o sujeito só toma consciência imperfeitamente ou mesmo não toma, até apresentar os principais caracteres das condutas alienantes (MAGNANE, 1969, p. 158).

A conduta alienante assemelha-se a um repelir. Rodrigues (2007, p. 53) cita Weber, que considera que “o tipo de vida imposto às pessoas no mundo moderno só faz com que a educação deixe de formar o homem, para simplesmente prepará-lo para desempenhar tarefas na vida”. Repelindo a educação plena, tanto escola como esporte cumprem o objetivo de tornar o sujeito autômato, e não autônomo, para vida. A escola e o esporte como instituições profissionalizantes travam uma disputa para formar o estudante-atleta, seja com base no capital intelectual ou no capital corporal.

Nessa dinâmica, os incentivos e interesses voltam-se sempre para os mais propensos a desempenhar as habilidades de forma reconhecida. Isto é, os que se enquadram dentro da perspectiva, seja ela da escola/clube ou do professor/técnico, recebem maior atenção e servem como modelo de eficiência a ser seguido. Pensar o processo de escolarização e o papel do esporte nos moldes atuais de nossa sociedade capitalista parece impossibilitar a inclusão da educação plena para formação do ser humano. O libertar-se da alienação que o trabalho e a diversão promovem deve ser tarefa educativa, no entanto promover tal mudança enquanto temos demanda de sujeitos dispostos a entrar no jogo da competição e da racionalização parece pouco provável.

A escola e o esporte não questionam a real intenção de oportunidade oferecida ao jovem que desde tenra idade se encaixa na lógica capitalista da venda de sua força de trabalho.

A escola, quando não lhe foi negada, não lhe ensinou a ser. Muitas vezes humilhou-o ainda mais, inculcando-lhe a ideia de sua inferioridade e a sua incapacidade de ser. Ela não despertou nele a virtude política. Muito pelo contrário. Ensinou-lhe talvez um ofício, porque era a escola do patrão, mas não lhe ensinou a fazer cultura, a fazer história (GADOTTI, 1998).

A forma tradicional hegemônica de escolarização e o atual molde das práticas esportivas afastam a educação, e a verdadeira competição está em saber qual instituição

possibilita o melhor êxito. Podemos mesmo citar como exemplo nossa sociedade brasileira: estratificada em classes sociais, diretamente ligadas à questão econômica e ao poder de consumo, ela possui na escola e no esporte veículos de mobilidade social. Nesse modelo em que a ascensão social é concomitante a um romper de inúmeras barreiras, o esporte passa a ser tido como uma possibilidade mais viável para contornar um processo de ascensão fora da trajetória de escolarização. O esporte parece requerer menor quantidade de capitais envolvidos na superação de barreiras, principalmente as culturais e econômicas. Os jovens são doutrinados por suas famílias e pela mídia para buscarem no esporte uma maneira de ter êxito econômico, com diversos exemplos ecoados pelos meios de comunicação⁶, que enfatizam a dedicação ao esporte como possibilidade de sucesso. Tal discurso inclusive adentra o espaço escolar e encontra ressonância em professores, os quais poderiam idealizar uma possibilidade distinta, pois a escolarização também é meio de ascensão! Em parte, o eco do discurso se justifica devido às condições deficitárias com que a escolarização é oferecida. A mensagem, na escola pública, muitas vezes está marcada pela relação conhecimento–precariedade.

Os polos opostos, escola e esporte, reforçam características que os diferenciam. A primeira é encarada como dedicação intelectual e de muito esforço para aquisição do conhecimento, sendo muitas vezes relacionada a uma situação chata e insuportável, pois a estrutura onde se realiza o *estudo* demarca evidentemente o espaço para quem detém o poder e também os comportamentos aceitáveis para a instrução. No segundo, a relação é oposta: embora a estrutura formal mantenha a presença de alguém que domina o conhecimento, e um grupo de normas também rígidas de domesticação corporal, ele é encarado como **diversão**. O exercício físico rotineiro em prol do aperfeiçoamento técnico muitas vezes é descrito como **diversão**, devido ao fato de ser apresentado no imaginário coletivo como atividade lúdica; a característica de criação/liberdade se sobressai à condição dos bancos escolares, onde muitas vezes o estudante é tolhido de sua criatividade.

As pesquisas atuais

O esporte ganha destaque como fenômeno social durante o século XX e grande força e representatividade na atualidade. “O esporte faz parte, hoje, de uma ou de outra forma da vida da maioria das pessoas em todo o mundo” (BRACHT, 2005, p. 9). Os ideais

⁶ Jornais, cadernos de esportes, revistas, programas esportivos em rádio e televisão e *sites* na internet.

burgueses que, parafraseando Weber, exigiam um “viver para o esporte”, se transformam, durante o século XX, em um “viver do esporte”. Tal mudança em suas características foi impulsionada pela racionalização de suas práticas (ELIAS, 1992, p. 224; BROHM, 1978, p. 27).

Durante o século XIX o esporte foi pensado como apêndice do processo de escolarização. Por meio de sua prática poderiam ser ressaltados valores e interesses de uma sociedade de classe, no caso a burguesa. Com a promoção do esporte buscava-se melhor condição física, intelectual e comportamental, de modo que ele recebeu o peso de ferramenta pedagógica para melhor formação do aluno, pensada dentro da dicotomia corpo e mente (BOURDIEU, 1983, p. 141).

A representatividade do esporte no momento atual incute nos jovens o vislumbre de atingir um padrão de vida e *status* que os faz, em conjunto com suas famílias, mergulhar em um mar de incertezas, trilhando um caminho que muitas vezes significa separação⁷. Entrar nesse caminho não garante sucesso, pois, como na pesquisa apresentada pela *Folha de São Paulo* em 2002⁸, 80% dos jogadores brasileiros recebem até dois salários mínimos mensais. Dos 20% restantes, apenas 3% ganham os altos salários divulgados nos meios de comunicação. Portanto, poucos irão conviver com o *glamour* e os altos salários. Esses jovens são influenciados pela mídia impressa e televisiva, que sugerem êxito econômico nas mais diversas modalidades esportivas, principalmente o futebol de campo. Isso faz com que sempre tenhamos jovens almejando galgar a formação para carreira de jogador de futebol profissional.

A família está na posição de núcleo, e nela o sistema é retroalimentado pelo sonho de sucesso. Os jovens que se inserem na profissionalização futebolística contam com grande apoio familiar. Muitas vezes outros membros da família exercem suas funções econômicas dentro do grupo e liberam o indivíduo para se dedicar ao esporte. Esse fenômeno foi identificado por Rial (2008) como *caçulismo*, pois muitas vezes é o filho menor que receberá as esperanças do grupo para se desenvolver; o investimento em seu sucesso representa o êxito de todos os membros no futuro.

Os fatores que levam jovens, famílias, clubes e veículos de comunicação a criar uma densa rede de relações com interesses distintos ou similares estão sendo discutidos na atualidade na busca por perceber as ações dos vários personagens envolvidos na formação esportiva. Essa discussão aponta para um dilema que não se restringe ao

⁷ Trabalho de Rial (2008) evidencia a circularidade do atleta de futebol, que pode iniciar ainda nos primeiros anos de treinamento, quando muitas vezes se faz necessário trocar de município e/ou estado para dar continuidade a sua formação, o que leva à separação da família e dos amigos.

⁸ “Maioria dos jogadores ganha até R\$ 360,00”, disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2002/01/31/67/89271>>. Acesso em: 19 mar. 2013.

mundo do futebol, mas transpassa o espaço também da escola. As áreas da Sociologia, Antropologia, Educação Física e Educação têm questionado esse dilema frente às dinâmicas sociais. A escolarização e a profissionalização futebolística do estudante-atleta ganha destaque no Brasil, sobretudo por meio dos trabalhos realizados por Arlei Damo (2005) e Antônio Jorge Soares (2009), que agregam outros pesquisadores na busca por entender a relação do estudante e atleta com as atividades desenvolvidas na escolarização e no treinamento rotineiro de alto rendimento.

Os resultados até aqui consolidados apontam que o estudante-atleta, possuidor de sonhos, objetivos e ideais advindos da expectativa de futuro acenada pelo futebol profissional, tende a relegar a escolarização para o segundo plano. O contato com pesquisas nesse sentido despertou um interesse sobre a relação entre o estabelecimento escolar (estrutura, corpo docente e conteúdo programático) e o estudante-atleta. Esse recorte, portanto, passa a ser o motivo do desenvolvimento deste trabalho.

Os estudos de Damo (2005), Peres e Lovisolo (2006), Souza et al. (2008), Rial (2008), Soares et al. (2009), Rocha et al. (2011) e Bartholo et al. (2011) descrevem o jovem que se insere em uma rotina dedicada ao treinamento metódico a fim de aperfeiçoar sua técnica na modalidade do futebol. Observa-se a presença de vários fatores que incidem sobre esse jovem, agora atleta e aluno. Estando em uma condição dupla, na intersecção entre clube e escola, as questões relevantes são: o tempo de deslocamento entre casa–escola–clube, carga horária para escolarização e formação esportiva, interesses e significados diferentes sobre escola e futebol, papel e influência de clubes-treinadores, relação com empresários e família. São alguns dos temas estudados e que rendem ricos apontamentos sobre a trajetória dos jovens. Nesse processo de análise, a lacuna que se abre para investigação está no olhar da instituição de ensino, com seu aparato docente, refletindo sobre as percepções a respeito do estudante-atleta no espaço escolar.

Trajetória do jovem estudante-atleta

Ao pensar a relação do estudante-atleta com a escola e o clube de futebol, podemos indicar vários fatores envolvidos. O jovem atleta geralmente inicia muito cedo sua prática esportiva. Segundo Peres e Lovisolo (2006), entre 7 e 12 anos perfazem uma fase de **iniciação**. Esse contato inicial contabiliza a presença e apoio incondicional da família, do professor de Educação Física e treinador, os quais ainda se confundem como figura única quanto aos objetivos de educação e formação. A partir dos 13 anos,

geralmente inicia-se a fase de **aperfeiçoamento**, que requer maior dedicação e empenho para aprimoramento da técnica, momento em que ocorre a ruptura entre o que é família, escola e clube. Nessa fase, o jovem se vincula com maior seriedade ao treinamento, e é quando surgem dúvidas, questionamentos sobre o futuro. Duas alternativas são apresentadas com objetivos distintos. A primeira diz respeito à **permanência na escola** e a segunda se refere à **dedicação exclusiva ao esporte**. O *habitus* esportivo se inicia muito cedo, os treinamentos tomam o tempo que seria dedicado à escola, e após o jovem se federar⁹, a educação formal é quase que esquecida (RIAL, 2008). Arlei Damo (2005) ressalta que o tempo médio dedicado à formação futebolística será muito próximo ao dedicado à escolarização.

O período de vida no qual se faz necessário investimento em trabalho corporal e psicológico para aperfeiçoamento técnico e tático no futebol coincide com a fase em que os adolescentes precisam igualmente se dedicar ao ensino regular (ROCHA et al., 2011). Essa concomitância gera um movimento de adequação durante o desenvolvimento do estudante-atleta, principalmente ao se inserir na fase de aperfeiçoamento e qualificação (PERES; LOVISOLO, 2006). Nessa fase, a primordial consequência observada por Bartholo et al. (2011) foi descrita como a **troca de turno escolar**, isto é, a saída do período matutino ou vespertino e mudança para o ensino noturno. O fato é característico entre jovens pertencentes às categorias sub-13 e sub-15 quando de sua passagem para sub-17 e sub-20. Guimarães (1992), ao analisar o estudante-trabalhador, mostra que ele opta por trocar de turno para conciliar o estudo com a vida profissional. Demonstra que o **aluno-trabalhador** pode ser identificado com três tipos de **carência**: **carência material**, que impulsiona sua inserção no mercado de trabalho para conquista econômica e financeira; **carência afetiva**, que demonstra a ausência presencial ou física dos responsáveis na ordem familiar; e **carência participativa**, que se relacionada às anteriores e impossibilita o falar, questionar e se manifestar em sala. Essas características também são apresentadas por Rial (2008) ao descrever o perfil do jogador profissional, constatando que ele advém, muitas vezes, de famílias que não contam com o pai em sua composição, mas com outra figura paterna ou uma mãe que acumula o papel de pai ao de mãe. Outra característica observada em todos esses estudos faz menção à escolarização receber importância secundária nos objetivos do jovem atleta.

Nesse sentido, o estado da arte atual ressalta os desafios enfrentados pelos jovens na busca por trilhar concomitantemente a escolarização e a profissionalização esportiva. O trabalho de Peres e Lovisolo (2006) traça o caminho de desafios enfrentados em

⁹ Termo utilizado para informar o registro de atleta junto à Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

cumprir algo entre o estipulado pela sociedade e o desejo pessoal de futuro. Para o jovem promissor em sua carreira futebolística, faz-se necessária a ampliação da rede de relações que extrapola o núcleo familiar, passando para o escolar, até se fixar e ganhar novos tentáculos no clube com a comissão técnica e os empresários. Uma vida nova é apresentada, mas vem alimentada por sonhos de infância e/ou anseios familiares (PERES; LOVISOLO, 2006).

O esforço para seguir essa carreira pode consumir 10 anos de dedicação e preparação, representados em 5000 horas de treinamento corporal (DAMO, 2005). O trabalho de Soares et al. (2009) questiona os jovens sobre os significados atribuídos à escola, e os entrevistados ressaltam incompatibilidades devidas ao “cansaço” promovido por treinamento e deslocamento entre casa–escola–clube. O desinteresse na escola surge pela inadequação entre seus regimentos e prazos de trabalhos (tarefas, provas, relatórios e apresentações) e o treinamento no clube esportivo. As afirmações dos jovens entrevistados demonstram que há uma tendência à flexibilização dos estabelecimentos frente a solicitações e exigências dos clubes. Algo que corrobora com essas afirmações diz respeito ao dado identificado por Viacelli (2002): uma crença de que pessoas envolvidas com esporte ou atividade física não gostam de estudar. O fato é também atestado por Bassani, Torri e Vaz (2003), ao perceberem a existência de um imaginário sobre a Educação Física que a faz ser considerada inferior frente a outras disciplinas. Damo (2008) apresenta uma tríade formada por **dom**, **amor** e **dinheiro** que está internalizada nas ações do jovem atleta. A primeira diz respeito a uma prodigiosa aptidão, que deve ser usada e usufruída. Como consequência **amor** e **dinheiro** formam a cosmologia do jogador de futebol. O **dom**, ressaltado como algo divino, traz a mensagem de inato. Portanto, ter um dom significa não precisar de novos talentos ou atribuições diretamente relacionadas à escolarização. Essas observações do “não gostar de ler”, de inferioridade da atividade física frente a outras disciplinas curriculares, e da proeminência de um dom, podem justificar a hipótese do desinteresse do estabelecimento em exigir empenho nos bancos escolares, mas se faz necessária contestação no campo da pesquisa.

O estudo de Viacelli (2002), no município de Pato Branco, estado do Paraná, com jovens atletas que integram a equipe da própria escola pesquisada não demonstrou perda de rendimento escolar, tendo por base a avaliação documental escolar dos jovens. Oliveira (2010), que realizou pesquisa com 36 jovens de Ensino Médio, atletas de modalidades coletivas variadas, identifica, por sua vez, que as dificuldades de conciliação da prática esportiva com os estudos são complicadores de desempenho mesmo dentro do

esporte escolar. A intensificação de treinos e viagens são fatores que tendem a comprometer o desempenho em sala de aula e são apontados no artigo. Precisamos lembrar que o estudante-atleta, foco deste trabalho, se encontra inserido em uma dinâmica de treinamento ainda mais intensa do que a verificada no esporte escolar, e que já se encontra inserido na perspectiva da futura profissionalização.

Os clubes de futebol profissional frequentemente mantêm parcerias com escolas de ensino regular para matrícula de seus atletas no decorrer do ano letivo. Mesmo fora do ensino regular podem ser encontradas alternativas, como é o caso do Avaí Futebol Clube, que no ano de 2012 realizou parceria¹⁰ com a Secretaria de Educação do Município para abrir uma turma do EJA – Ensino de Jovens e Adultos – dentro de suas dependências para atender seus jovens atletas. Segundo Bartholo et al. (2011), os clubes utilizam-se de diferentes políticas e formas para proporcionar frequência escolar aos seus jovens atletas. As alternativas para suprir essa demanda podem variar devido à inexistência de legislação específica. Rocha et al. (2011) aponta mecanismos de flexibilização adotados pelos estabelecimentos de ensino e/ou professores que contam inclusive com a anuência dos pais. Esses mecanismos envolvem chegadas ou saídas fora do horário, remarcação de provas e trabalhos, além da validação de atestados de falta.

Essa abertura que a escola faz para que a prática esportiva seja desenvolvida deve ser questionada no sentido de evidenciar se o método pode ser definido como normal entre estabelecimentos. A intenção reside em analisar o espaço escolar em que o estudante-atleta está matriculado, identificando postura e práticas dentro do estabelecimento escolar, através da figura de seus diretores e professores, possibilitando perceber sua relação com esse estudante.

Uma escola frente à escolarização e a formação futebolística

A escola selecionada encontra-se no bairro Carianos, próximo ao Avaí Futebol Clube. O primeiro contato ocorreu em abril de 2013. Sua escolha se deu após constatação de maior incidência durante aplicação de questionário junto aos atletas das categorias de base do clube, em pesquisa (BASSANI; DA CONCEIÇÃO, 2012) que se desenvolveu no ano de 2011. O estabelecimento escolar estadual atende alunos matriculados no Ensino Fundamental e Médio. Atualmente, em dados coletados no *site* da

¹⁰ A esse respeito, ver “Do gramado para o banco escolar: jogadores do Avaí terão aulas da EJA na Ressacada”, disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/?pagina=notpagina&menu=3¬i=6532>>. Acesso em: 19 mar. 2013.

Secretaria de Educação do Estado, 667¹¹ alunos estão cursando efetivamente a escola. Atletas da categoria de base do futebol de campo somam 54 indivíduos, perfazendo quase 10% dos alunos que frequentam o banco escolar. Além dos atletas de futebol, a escola também atende oriundos do ciclismo e do futebol de salão, assim como militares, devido sua proximidade com a Base Aérea.

O corpo docente é composto por professores efetivos e de caráter temporário. Sua estrutura física é composta por três blocos, divididos entre salas de aula, secretaria, apoio pedagógico, gestão escolar e refeitório. Devido à disposição estrutural ter um formato em “U”, a área central se destina a um pátio para recreação, com uma parte coberta, e ao fundo uma quadra poliesportiva sem cobertura. O trabalho da equipe pedagógica tem como premissa o envolvimento para além de seus muros, com o desenvolvimento de projetos que envolvam a comunidade, conforme informações contidas em *blog*¹² mantido pelos administradores da escola.

A primeira visita ao local, realizada no dia 24 de abril de 2013, teve como foco a apresentação do projeto e seus objetivos. A recepção pareceu muito calorosa e com disposição para contribuições. A coordenação pedagógica e a direção da escola se posicionaram favoravelmente à realização das entrevistas. Conversamos a respeito da relação com o estudante-atleta, e naquele primeiro momento a impressão foi de que a hipótese formulada sobre a flexibilidade da escola estar ligada a um desinteresse da instituição seria então atestada.

O Avaí Futebol Clube disputa neste ano de 2013 a Série B do campeonato brasileiro, e se destaca como uma das 40 melhores estruturas de futebol profissional no país. Recentemente recebeu o certificado¹³ de Entidade de Prática Desportiva e Formadora de Atletas, cumprindo com os requisitos exigidos pela Lei Pelé. O clube atualmente possui em média 200 jovens atletas em suas categorias de base. O foco da pesquisa foram as categorias de base designadas sub-15, sub-17 e sub-20. Juntas elas somam em média um grupo de 100 atletas em seu elenco e, destes, mais da metade está matriculado na escola investigada. O contato com o clube de futebol foi intermediado por um colega que trabalha nas categorias de base da referida entidade. Esse fator proporcionou acesso aos profissionais envolvidos com a escolarização dos jovens e uma melhor aceitação do pesquisador, de modo que a receptividade foi muito agradável. Tal fato deve ser levado em conta devido à relutância encontrada em muitos clubes em abrir suas portas, pelo motivo de assédio intenso a suas “promessas de atletas”. Naquele

¹¹ Informação coletada em 12/06/13 no *site*:

<<http://serieweb.sed.sc.gov.br/areluetapademonstrativoens.aspx?JpmAadne5ritta5wZkj+QQ>>.

¹² Disponível em: <<http://eebildefonsolinhares.blogspot.com.br/>>.

¹³ Dado coletado no dia 12/06/13 no *site*: <<http://avai.com.br/clube-formador-reconhecido-pela-cbf/>>.

contato, após explanação do projeto e seus objetivos, marcamos uma data para retornar e realizar a entrevista.

Na primeira semana de maio, em uma bela tarde de outono, três entrevistas foram realizadas com dois profissionais da escola e um do clube de futebol. Por questões éticas, os nomes foram omitidos, bastando para sua identificação o referencial da função exercida no momento da entrevista. Assim, teremos o Diretor e a Coordenadora como representantes da escola, e a Assistente Social, representando o Avaí Futebol Clube. As entrevistas foram realizadas nas dependências das respectivas instituições e seguiram um roteiro preestabelecido que possibilitasse extrair informações importantes para compreensão do trabalho realizado em torno do estudante-atleta. Posteriormente as entrevistas foram transcritas e avaliadas por meio da análise de conteúdo, pois:

Deve-se analisar comparativamente as diferentes respostas, as ideias novas que aparecem, o que confirma e o que rejeita as hipóteses iniciais, o que estes dados levam a pensar de maneira mais ampla (GOLDEMBERG, 2004, p. 94).

As atividades desempenhadas pelos profissionais na escola não serão descritas de maneira pormenorizada, pois são em sua maior parte ações convencionadas. As singularidades em relação ao estudante-atleta no decorrer das questões e a atitudes frente à posição que ocupam ficam mais claras no decorrer do trabalho. Os profissionais entrevistados estão imersos na relação estudante-atleta há muitos anos: nove anos para o Diretor da escola (DIR), sete para a Coordenadora da escola (COORD), e três anos para Assistente Social do Avaí (AS). No período de realização da entrevista, 54 atletas da categoria de base frequentavam a escola no ensino regular, divididos entre os períodos matutino, vespertino e noturno, em diversas turmas entre Ensino Fundamental e Médio. Os jovens que estão no ensino regular são aqueles que correspondem à relação idade x série, o que permite e obriga sua permanência em sala de aula. Quando acontece uma defasagem na relação idade x série, e os jovens possuem idade maior que 15 anos, são inseridos nos programas EJA e CEJA, realizados, hoje, dentro das dependências do clube. No momento da entrevista, eram atendidos 20 atletas na EJA, que representa o supletivo do Ensino Fundamental, e seis atletas na segunda modalidade, com o supletivo de Ensino Médio.

No clube de futebol, a equipe psicossocial proporciona a assistência aos jovens atletas, objetivando maior conforto, segurança, adaptação e regularização dos processos burocráticos para permanência na cidade. Vários atletas (a maioria) são oriundos de outras regiões, isto é, outras cidades de Santa Catarina, e também outros Estados do

país. Chegam ao clube pela aprovação nas peneiras¹⁴, ou após negociações e convites para integrar o grupo. Como relatado pela AS, os jovens “amanhecem aqui!”. A chegada deles ao clube evidencia que esses jovens têm um menosprezo pela escolarização, pois, segundo a AS, o DIR e a COORD, muitos chegam com “pouca ou quase nenhuma documentação escolar” (histórico ou outros). Na palavra dos três informantes, o clube é que terá de procurar tal documentação, de modo que a prioridade do jovem e de sua família fica voltada apenas para a organização dos documentos legais para estada em Florianópolis.

Conforme a AS, atualmente se tem uma rede de relações criada com outros clubes em todo o Brasil para a obtenção desses documentos escolares. Além disso, ela diz que contam com a presteza dos profissionais nas secretarias das escolas, que acabam recordando e identificando o estudante-atleta, ocasionando sempre colaboração e agilidade no envio da documentação. Esse trabalho de busca dos documentos fica a cargo da equipe do Psicossocial do clube de futebol, pois, como relatado, em muitos casos o mais importante para a família é o jovem se **vincular ao clube**, indiferentemente de seu registro escolar.

O exemplo dado pelo DIR descreve o caso de um jovem que recentemente apresentou-se na escola com apenas o número da identidade para realização da matrícula, o restante da documentação seria enviado posteriormente. O relato desse jovem recém-admitido no clube culmina com um diálogo interessante, pois, ao ser questionado sobre seu histórico, a resposta do jovem foi: “Não sei! Lá eu era atleta!”. Estava marcado o desinteresse do jovem e do clube anterior pela escolarização. O DIR então prossegue, dizendo que informa ao jovem: “agora aqui na escola você é aluno e no clube você é atleta”. E ratifica a posição dizendo ao jovem que ele irá conhecer a AS e logo entenderá que “aqui é diferente”. O jovem então responde a ele com desdém, falando que no clube anterior também tinha Assistente Social. O DIR, por sua vez, enfatiza ao jovem a distinção entre o clube anterior e o atual, ligado a uma maior preocupação com a escolarização de seus atletas.

Esse relato sobre o recém-chegado atleta revela uma realidade presente na relação entre escola e clube, caracterizada nos estudos anteriores já citados neste trabalho, em que o desinteresse na escolarização reflete-se na “segurança” de estar inserido nas categorias de base. Isto é, para família, na maioria dos casos o fato de haver o vínculo com um clube de futebol alimenta a esperança de profissionalização, relegando a escola para segundo plano. Aqui, podemos identificar no estado da arte realizado que a

¹⁴ Termo utilizado para designar o processo de seleção para ingresso nas categorias de base dos clubes de futebol.

primeira afirmação referente ao desinteresse da família, e conseqüentemente do jovem, quanto a sua escolarização se atesta. Em segundo, a falta de estrutura nos clubes de futebol para acompanhar com atenção o desenvolvimento do estudante-atleta em suas etapas no ensino regular também acaba por influenciar sua trajetória secular desinteressada. Esses são fatores que ajudam a consolidar o imaginário do *não envolvimento com a escola* e a aposta plena de investimento no futebol, pois a circularidade (RIAL, 2008) entre clubes e/ou a falta de rotina afasta a escolarização dos objetivos centrais do jovem. Conforme relato da AS, algumas vezes chegam meninos que no mesmo ano letivo estiveram em três clubes diferentes, e supostamente três escolas diferentes, o que faz com que o jovem nem se lembre onde está sua documentação escolar.

A experiência da escola investigada, com quase 10 anos de parceria, demarca dois momentos distintos na relação com o clube de futebol. As informações relatam que em 2004 se inicia a parceria, e em 2009 ela ganha outro viés. De acordo com a COORD, de 2004 a 2009 os jovens expressavam uma “empáfia”, termo utilizado para definir a relação no período. Em outras palavras, a COORD completa: “eles se achavam!”. Nessa época, os estudantes-atletas “entravam e saíam à hora que queriam”, “tínhamos muita indisciplina”, “irresponsabilidade”, “desacatavam professor em sala” e “não respeitavam ninguém”, isto é, se apoderavam de um *status* adquirido pelo *glamour* da carreira do futebol. A escola não sabia a quem reclamar, e o DIR exemplifica dizendo que “era estressante para o aluno, estressante para a escola e cômodo para o clube”. Conforme a COORD, uma maneira empregada para conscientizá-los foi a apresentação de exemplos de atletas, personalidades famosas que mantinham como foco a escolarização e atualmente são ícones de êxito em suas profissões. Mas isso muitas vezes não surtia o efeito esperado. O ano de 2009 foi o momento em que a situação chegou ao limite. A escola procurou maior aproximação com o clube para dirimir procedimentos e alinhar uma melhor atuação com os jovens. Segundo o relato do DIR, os dirigentes do clube, e membros da comissão técnica das categorias de base estiveram na escola para uma conversa. Foi uma oportunidade em que os gestores e os professores se manifestaram e, em seguida, os representantes do clube validaram os pronunciamentos anteriores, incentivando os atletas a terem desempenho e disciplina também na escola. O que chamou atenção no relato foi a utilização de uma expressão geralmente usada para pressionar trabalhadores no mercado de trabalho. A frase proferida pelos representantes do clube era de que “não necessitavam procurar jovens atletas” e que muitos gostariam de estar no lugar deles. Tal tipo de afirmação parece ser comumente usada no mercado

de trabalho, como objetivo de isentar a entidade e, ao mesmo tempo, delegar a responsabilidade para o indivíduo quanto ao sucesso e ao fracasso pessoal, além de fazê-lo criar uma vigilância constante sobre si mesmo. Para a COORD, a frase é símbolo da mudança, pois no período anterior “se o jovem era bom de bola ficava no clube”, mas depois dessa reunião “três foram embora”. Para o clube, um novo padrão de avaliação foi incorporado: o atleta não pode ter problemas com a escola. Mas isso não significou a exigência de acompanhamento ou melhora do rendimento escolar. Como retratado pela AS, os atletas “se esforçam apenas o suficiente para passar de ano”. Esse “esforçar-se o suficiente” também remete ao “não ter problemas com reclamações da escola”, o que poderia contribuir para uma desistência futura e prematura da carreira futebolística. Assim, os atletas são exigidos no sentido de cumprir as provas, os trabalhos, as tarefas e a carga horária estipulada para o ano letivo, justificando seu vínculo escolar e conseqüentemente sua permanência no clube.

Em 2009, o novo molde acordado entre a escola e o clube trouxe mudança de postura do clube em relação à escola, refletida em maior frequência da comissão técnica e dirigentes em suas dependências. Esse fato foi ressaltado pelos entrevistados como primordial para que os atletas percebessem que “são também alunos”. Conforme relatado, o clube agora avisa a escola sobre as competições e os jovens selecionados que irão participar, e a escola, quando se faz necessário falar com a família, comunica o clube, que então promove a intermediação entre a escola e a família. O DIR indica que a mudança pode ser percebida inclusive no clube. As conversas entre escola e clube mostram que questões comportamentais favoreceram os dois lados. No entanto, o DIR diz que o desafio está no estudante-atleta, pois “são sonhadores” e poucos vislumbram outra alternativa de futuro.

A maneira com que os estudantes-atletas são tratados parece ser marcada nas expressões “os jovens”, “os jogadores”, “os atletas”, e também na identificação “os meninos do Avaí”. Sabemos que cada aluno possui uma identidade e trajetória distinta, que sua proximidade e convivência atual é fruto de oportunidades e escolhas feitas até o momento. No entanto, a história de cada um, sua particularidade lembrada no nome muitas vezes acaba inexistindo. O objetivo da investigação não procurava destacar as personalidades e singularidades dos jovens, mas não se pode deixar de pontuar que essa ausência também decorre do tratamento dado aos estudantes-atletas, como se formassem um grupo homogêneo. Sendo assim, seus nomes individuais são superados pelo grupo, no caso o dos “meninos do Avaí”. Esse fator se torna estímulo para a continuidade da pesquisa no Trabalho de Conclusão de Curso, no intuito de procurar de

forma mais densa identificar comportamentos, questões de gênero, idade, origens e trajetórias, o que possibilitará uma melhor visão dos sujeitos que estão na intersecção entre o campo escolar e o campo do futebol.

O tratamento homogêneo mais uma vez fica caracterizado dentro da escola, no fato de esses jovens atletas carregarem o *status* adquirido no futebol, o que os faz ter sucesso frente a outros jovens de mesma idade, e principalmente com as meninas na escola. Ressaltamos que o sucesso descrito faz referência ao meio social e não ao desempenho escolar. Nas palavras do DIR, “as disputas não existem”, diz em sorrisos, “os aspirantes a jogador de futebol ganham todas”. Em anos anteriores, algumas reclamações sobre “os meninos do Avaí” eram muito comuns: as queixas eram feitas por outros alunos, assim como por professores, que ora favorecem e ora “esculacham” os atletas. Isso tudo vinculado ao “sucesso” que os atletas fazem no pátio da escola e em sala de aula. As formas utilizadas para superar os entraves que podem acontecer no espaço da escola foram pensadas à medida que as situações surgiam. Um exemplo está na proibição do uso de camisa de clube de futebol no interior da escola. Essa prática foi instaurada pensando-se em não gerar atrito, evitando a formação de grupos rivais pautados no clubismo. Outra medida foi procurar agrupar os alunos atletas de determinada série/ano em uma única sala, o que favorece o planejamento do professor, pois pode organizar conteúdos e avaliações prevendo a saída dos jovens para competições.

A questão do desempenho escolar não deixa evidente uma uniformidade positiva ou um desajuste total desses jovens. Esse fato requer maior estudo comparativo da avaliação do desempenho vinculado à trajetória esportiva, o que pretendemos fazer em estudo posterior. A AS faz a ressalva de que o rendimento escolar não pode ser igual ao de outros jovens que podem se dedicar ao estudo mais plenamente. Em suas palavras, eles só conseguem realizar as tarefas e trabalhos, e contam com apoio do Psicossocial quando necessitam. O estudante-atleta, no entender dos profissionais envolvidos, possui a mesma característica do estudante-trabalhador ou do jovem aprendiz¹⁵. Como assinalado anteriormente neste trabalho, os jovens têm o objetivo de apenas cumprir com o exigido, ou seja, passar de ano, e esse já é um comportamento esperado. Nas palavras da AS, o desempenho muitas vezes é “lamentável”: “No geral é tirar a nota para passar, para não empombar e ter que fazer de novo”.

Sobre o interesse pessoal dos alunos, os fatores apontados pelos três entrevistados como interferentes para um maior ou menor desejo em relação à

¹⁵ Lei 10.097/2000, Portaria 723/2012 – Estabelece as regras para que jovens a partir dos 14 anos possam se inserir no mercado de trabalho mediante contrato de trabalho especial regido pela CLT.

escolarização são: a) a influência familiar, a baixa escolaridade dos pais; b) maior ou menor maturidade do jovem; c) maior ou menor consciência da fragilidade da carreira (quando assistem um amigo ser dispensado ou se machucar gravemente); d) o distanciamento dos conteúdos frente à realidade do jovem no mundo do futebol; e) a falta de acompanhamento do clube; e f) a rotatividade dos jovens, influenciados pelo assédio a sua família e/ou a seu procurador.

Esses itens são o foco do trabalho que é desenvolvido pela direção e coordenação pedagógica da escola, assim como pelo serviço social do clube, que buscam entender e amenizar fatores que venham a ser um desafio para o estudante e atleta de alto rendimento. A atuação deles se dá pela identificação dos pontos que mais afetam o aluno na escola, na busca por incentivá-lo a ter outra postura. Contudo, devido à falta de controle sobre cada fator de influência, a tarefa não parece muito simples.

O primeiro motivo apontado refere-se à família e, muitas vezes, sua ausência, devido à distância do local de residência dos pais e responsáveis. Os jovens estão em uma fase de desenvolvimento que, além da formação escolar e futebolística, envolve transformações identitárias. A família possui o papel de apoio que muitas vezes se faz necessário na trajetória do atleta, na visão do clube. A exclamação da AS, em tom de reclamação, revela uma pergunta que inquieta seu trabalho: “como vou chamar uma família que está na Bahia para conversar sobre o desafio do filho deles?”. A frase reflete um pouco das preocupações e dos anseios que perpassam o jovem atleta e aqueles responsáveis por sua escolarização. Segundo a AS, muitas vezes incentivamos o pai ou mãe a tirar alguma folga ou férias para vir passar um final de semana com o jovem. No entanto, o impedimento econômico é outro empecilho que dificulta a relação de proximidade e atenção ao jovem (filho).

Atualmente, as demandas com o estudante-atleta partem sempre da escola para o clube, e envolvem falta de uniforme e entrada tardia. A AS diz que as conversas com o estudante-atleta giram na orientação e na busca de estratégias para incentivo ao empenho na escola. Conforme a profissional, o papel desempenhado parece ser de uma “chata” junto aos jovens, pois:

[...] treinar é bom, ele gosta de treinar, lá ele se identifica! Na escola não se identifica! O treinador está cobrando rendimento que é o sonho dele, algo que ele quer. Eu estou cobrando escola que é o que ele detesta. (Entrevista, AS).

Os incentivos para o estudo muitas vezes ganham a conotação de insistência e de algo *chato*, fato alegado pelos próprios jovens, segundo a AS. O distanciamento dos conteúdos, ou melhor, da escola em relação com a vida social de seus alunos torna-se mais uma vez fator determinante apontado pelos profissionais entrevistados. Além disso,

entre as várias disciplinas cursadas pelos jovens, as aulas de Educação Física guardam uma particularidade: o estudante-atleta tem a opção de não praticar as atividades físicas desenvolvidas na disciplina. Segundo o DIR eles não são proibidos de fazer as atividades, são liberados para evitar contusões e também por já realizarem o condicionamento físico no clube. Nesse ponto, mais uma vez o estudante-atleta parece tolhido de algo que ele faz bem, e para o qual detém conhecimento prático. Ao invés de ter valorizada sua participação, com contribuições para disciplina de Educação Física, o jovem passa a ser excluído. Trata-se de uma oportunidade perdida de aproximação da escola a partir da valorização do capital corporal do jovem atleta. O **esporte na escola**, em suas práticas, não deve promover o alto rendimento, mas não significa que a prática de atividade física não deva ser exaltada e engrandecida com a contribuição de sujeitos com experiência no treinamento rotineiro. Assim, uma possibilidade de estímulo para um futuro acadêmico voltado para a educação do corpo fica perdida na disciplina em que os jovens atletas teriam, presumidamente, um melhor desempenho.

A experiência do clube com o sistema EJA e CEJA foi definida pela AS como produtiva. A batalha travada para implantação do sistema foi no início imaginada na concretização da parceria com a Secretária Municipal de Educação, mas a verdadeira dificuldade foi fazer com que os jovens participassem das aulas. A AS relata que o maior desafio foi fazer os jovens “saírem do alojamento, descer as escadas, andar pelas dependências do clube até a sala de aula”. No ano de 2012 foram matriculados 25 atletas e apenas 8 se formaram no Ensino Médio. Durante as aulas do supletivo, os atletas tiveram oportunidade de realizar vários trabalhos, e, conforme o relato, aqueles relacionados ao futebol e seu universo atraíram maior atenção dos jovens. Por isso, aos olhos da AS, um conteúdo que se aproxime da realidade do jovem pode vir a favorecer seu desejo pela escola e conseqüentemente seu aprendizado.

Os gestores da escola se veem satisfeitos, mas não plenamente contentes, pois a busca por aperfeiçoar ainda mais a maneira de atuar com esses jovens é o cerne dos seus objetivos. As alternativas pensadas têm base no intuito de somar esforços para um melhor aproveitamento dos conteúdos pelos jovens. Uma característica muito ressaltada na entrevista realizada na escola foi o entendimento de que não é possível avaliar alguém simplesmente por um valor médio. Em contrapartida, a AS diz que “estamos no caminho em relação à parceria, mas temos que melhorar em ajudar os meninos a entender a necessidade de estudar”.

A palavra “oportunizar” foi escolhida pelos gestores como símbolo da maneira de atuação junto ao estudante-atleta. Essa expressão é usada para justificar que não será

uma média 7,0 que impedirá o avanço e a formação do cidadão. “A experiência vivida por esses jovens parece ser rica de desafios e superação, portanto oportunizar se torna o nosso trabalho”, diz a COORD. O termo “oportunizar” acaba sendo a soma de estratégias utilizadas para demonstrar o esforço realizado pelo grupo para atrair o interesse e o desejo do atleta em frequentar a escola. Pode ser dito como uma forma de se inserir na “realidade do sonho” desses jovens, sem perdê-los definitivamente. É interessante lembrar que Zaluar (1994) descreve que o esporte deve ser entendido como valorativo por muitas vezes desviar o olhar do jovem das drogas e da criminalidade. A perda atestada pelo autor é a derrota do esporte quando não consegue tirá-los da violência. No caso apresentado pela escola, a expressão “perda” pode ser descrita como a derrocada frente à falta de interesse do jovem pelo estudo secular, o que significa no futuro um cidadão frustrado pela dificuldade de reconversão profissional (SOUSA et al., 2008).

Os profissionais entrevistados acreditam ser possível a concomitância do processo de escolarização com o de formação esportiva. Expressam essa crença afirmando que atualmente estão dedicados a isso. A AS diz que “mais do que atletas, formamos cidadãos” e essa mentalidade está sendo “fomentada junto aos dirigentes do clube”. Em 2011, o atual Presidente do Avaí Futebol Clube apresentou essa ênfase em uma entrevista realizada para um portal da internet¹⁶, dizendo que: “queremos formar atletas e cidadãos. Se não investirem na escolaridade, não ficam no Avaí. Isso é necessário caso não sigam carreira no futebol”.

Esse ideal não pode ser negado dentro dos objetivos da formação de um melhor cidadão pelo clube, mas também pode ser apresentado como fonte de recursos, pois não podemos esquecer que “atletas, dirigentes e técnicos vivem o esporte como um negócio” (OURIQUES, 2010).

A flexibilização presente na escola está pautada no tratamento diferenciado a que o estudante-atleta faz jus dentro da previsibilidade da lei. A Lei Pelé (Lei 9.615/1998) em seu Artigo 29 e § 2º descreve aquilo que clubes de formação de atletas devem realizar para serem considerados como entidades de prática desportiva.

§ 2º É considerada formadora de atleta a entidade de prática desportiva que: (Redação dada pela Lei nº 12.395, de 2011).

I - forneça aos atletas programas de treinamento nas categorias de base e complementação educacional; e (Incluído pela Lei nº 12.395, de 2011).

II - satisfaça cumulativamente os seguintes requisitos: (Incluído pela Lei nº 12.395, de 2011).

a) estar o atleta em formação inscrito por ela na respectiva entidade regional de administração do desporto há, pelo menos, 1 (um) ano; (Incluído pela Lei nº 12.395, de 2011).

b) comprovar que, efetivamente, o atleta em formação está inscrito em competições oficiais; (Incluído pela Lei nº 12.395, de 2011).

¹⁶ Informação coletada em 16 mar. 2013, no site: <http://www.lancenet.com.br/avai/Avai-base_0_438556268.html>.

c) garantir assistência educacional, psicológica, médica e odontológica, assim como alimentação, transporte e convivência familiar; (Incluído pela Lei nº 12.395, de 2011).

d) manter alojamento e instalações desportivas adequados, sobretudo em matéria de alimentação, higiene, segurança e salubridade; (Incluído pela Lei nº 12.395, de 2011).

e) manter corpo de profissionais especializados em formação técnico-desportiva; (Incluído pela Lei nº 12.395, de 2011).

f) ajustar o tempo destinado à efetiva atividade de formação do atleta, não superior a 4 (quatro) horas por dia, aos horários do currículo escolar ou de curso profissionalizante, além de propiciar-lhe a matrícula escolar, com exigência de frequência e satisfatório aproveitamento; (Incluído pela Lei nº 12.395, de 2011).

g) ser a formação do atleta gratuita e a expensas da entidade de prática desportiva; (Incluído pela Lei nº 12.395, de 2011).

h) comprovar que participa anualmente de competições organizadas por entidade de administração do desporto em, pelo menos, 2 (duas) categorias da respectiva modalidade desportiva; e (Incluído pela Lei nº 12.395, de 2011).

i) garantir que o período de seleção não coincida com os horários escolares. (Incluído pela Lei nº 12.395, de 2011).

§ 3º A entidade nacional de administração do desporto certificará como entidade de prática desportiva formadora aquela que comprovadamente preencha os requisitos estabelecidos nesta Lei. (Redação dada pela Lei nº 12.395, de 2011).
(BRASIL, Lei n. 9615 de 24 de Março de 1998)

Devemos dar a devida atenção ao item I, sobre complementação educacional, e ao item II, sobre ajustar o tempo de formação com o do currículo escolar, exigindo frequência e satisfatório aproveitamento. Esses pontos são os que incidem sobre o clube para que realize o devido acompanhamento do atleta em seu desenvolvimento escolar. Embora a frequência seja exigida nas diversas competições, as informações de desempenho não são verificadas e nem solicitadas, bastando apenas a informação de matrícula. A AS sugere uma mudança para que seja avaliado o desempenho quantificado do currículo escolar do jovem. As brechas causadas pela falta de clareza ou falta de especificidade do órgão que acompanha aquilo que é considerado como o **satisfatório aproveitamento** influem na maneira como transcorre a relação do estudante-atleta com a escola e o clube.

O trecho da Lei Pelé voltado para a escola legitima a maleabilidade de atuação com o jovem atleta. O Artigo 85 tem sua escrita conforme segue:

Art. 85. Os sistemas de ensino da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, bem como as instituições de ensino superior, definirão normas específicas para verificação do rendimento e o controle de frequência dos estudantes que integrarem representação desportiva nacional, de forma a harmonizar a atividade desportiva com os interesses relacionados ao aproveitamento e à promoção escolar. (BRASIL, Lei n. 9615 de 24 de Março de 1998)

Embora a Lei esteja, em sua redação, abordando os atletas que integrem a representação desportiva nacional, a orientação é seguida pela escola em relação a todos os atletas. O Artigo 29 discorre sobre as entidades esportivas e a necessidade de vínculo escolar do jovem atleta. No Artigo 85 fica a cargo do sistema de ensino definir as normas

específicas para verificar o rendimento e a frequência. O que chama atenção é a responsabilidade do sistema de ensino em **harmonizar** os diversos interesses nessa relação. As organizações esportivas podem realizar eventos e competições pautados na lógica de mercado vigente, e cabe à escola montar estratégias para suprir e repor a descontínua presença do estudante-atleta aos bancos escolares. Afinal, lembramos que as competições regionais, nacionais e internacionais acontecem em sua grande maioria durante o período letivo dos alunos.

No estudo de caso proposto neste trabalho, vimos que, em meio aos vários desafios, a proposta da escola de “oportunizar” corrobora com o que está previsto na Lei. A flexibilidade apresentada depende da postura e atitude dos profissionais gestores envolvidos, que no caso a entendem como maneira de atrair o estudante-atleta para o ambiente escolar e seus conteúdos. Durante as entrevistas, percebemos que ao invés de desinteresse no atleta e na sua profissionalização, a escola e o serviço social do clube usam de estratégias de flexibilização como maneira de atrair e manter o jovem em sala de aula.

Assim, apesar de, na primeira visita à escola, a percepção quanto à afirmação de desinteresse da instituição parecer ser verdadeira, no decorrer do trabalho ela não pôde ser atestada. As concessões feitas ao jovem atleta são formas de guardar o vínculo, mais que institucional; uma maneira de pensar o seu desenvolvimento como cidadão, estando dentro dos muros da escola e não completamente fora dela.

Ainda assim, ao fazermos uma análise crítica da proposta da escola, podemos identificar uma postura inocente, pois a alegação idealista de “formar cidadãos”, em sua essência, nega a submissão frente às exigências do “mercado da bola”. Resgatando uma fala anterior do DIR, essa situação parece ser muito cômoda para o clube.

Conclusão

Refletir sobre educação a partir de duas instituições que reproduzem o hegemônico possibilita pensar se conseguimos criar alternativas para fugir da mesmice. O estudante-atleta se insere no mercado de trabalho como “pé de obra” (DAMO, 2008), alimentado por um sonho de mudança e ascensão social. Os interesses envolvidos na formação do jovem atleta muitas vezes são maiores que a escola e seu desejo de ensino. Um possível problema está no fato de a escola e o esporte serem, ambos, veículos de mobilidade social, e ao manterem esse objetivo de maneira distinta tais instituições não compatibilizam seus interesses. Sua aproximação para a formação do homem não será

alcançada enquanto a educação estiver colocada um degrau atrás das relações do modo de produção, que promovem essa busca incessante por resultados e talentos.

Os profissionais envolvidos com a escolarização do estudante-atleta no caso investigado acenam com a bandeira de formar um cidadão mais consciente e menos suscetível a um futuro incerto. Porém, a vida social do jovem atleta permanece descolada da escola e de seus conteúdos. A hipótese inicial no trabalho insinuava certo desleixo da própria escola com relação ao jovem atleta, à medida que flexibilizava sua estada nos bancos escolares. No entanto, a trajetória e o contexto da parceria entre Avaí Futebol Clube e a escola do bairro Carianos, conforme apresentado, parece negar tal afirmação. Embora a estrutura do clube esteja voltada para descoberta e formação de talentos que no futuro sinalizarão com rendimentos financeiros, os profissionais que atuam diretamente com os jovens ligados a essa escolarização procuram resgatar ou ancorar suas ações pautadas no conceito de educação do cidadão. Esse conceito ganha importância como objetivo central na busca por **oportunizar** ao jovem atleta, mas não significa alteração no quadro de inserção na lógica de mercado do futebol.

Anteriormente, destacamos o estudante-atleta como uma intersecção entre dois campos: escola e clube. Os vários personagens envolvidos na formação desse jovem, à medida que marcam seu pertencimento a determinado campo, têm sua atuação mais contundente de acordo com a área em que estão envolvidos. Assim, os entrevistados, que estão ligados à escolarização, demonstram ter genuína preocupação em orientar os jovens na procura por desenvolver estratégias que os enriqueçam quanto ao capital cultural e social. Nesse caso específico, a hipótese formulada no início é refutada, pois o que faz os profissionais atuarem na intersecção entre os dois campos é o ideal de educação para vida. Por essa razão, precisamos estar cientes de que se outros profissionais de áreas distintas fossem entrevistados, outro olhar, com novos pontos de tensão, seria evidenciado e produzido. Também não podemos descartar que as tensões apresentadas corroboram com um imaginário formado coletivamente, que tem influenciado famílias e mais famílias a investirem econômica, social e emocionalmente na carreira futebolística.

Este breve trabalho, mais do que responder a questões e apontar caminhos, reflete sobre a educação recalcada por outros objetivos individuais que se fazem presentes também na escola e no esporte. O trabalho não se encerra, mais do que isso, possibilita fomentar estudos mais direcionados e aprofundados. Estes são os primeiros passos para avançar na temática em trabalhos futuros, pois se faz necessário cotejar com outras instituições de ensino e clubes para, então, traçar um panorama mais amplo sobre cada

singularidade. As entrevistas, realizadas com os envolvidos nas decisões e apreciações sobre os jovens, também precisam ser feitas com outros profissionais, isto é, professores e outros funcionários que atuam diretamente com esse estudante-atleta. Afinal, segundo Goldemberg (2004), faz-se necessário “ouvir quem nunca é ouvido, invertendo assim a hierarquia de credibilidade”, proporcionando encontrar novos agentes dentro dos campos.

REFERÊNCIAS

BARTHOLO, Thiago Lisboa et al. Formando jogadores de futebol: o impacto do tempo de treinamento na formação escolar de jovens espanhóis e brasileiros. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 17. e 4, 2011, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: CBCE, 2011. p. 1-14. Disponível em: 13 <www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/XVII_CONBRACE/2011/index>. Acesso em: 20 jan. 2012

BRASIL, **Lei n. 9615 de 24 de Março de 1998**. Institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências.

BASSANI, Jaison José; TORRI, Danielle; VAZ, Alexandre Fernandez. **Sobre a presença do esporte na escola**: paradoxos e ambiguidades. Movimento, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 89-112, maio/ago. 2003.

BASSANI, Jaison José; VAZ, Alexandre Fernandes. Técnica, corpo e coisificação: notas de trabalho sobre o tema da técnica em Theodor W. Adorno. Campinas: **Educ. Soc.**, v. 29, n. 102, 2008.

BASSANI, Jaison J.; DA CONCEIÇÃO, Daniel M. et al. **Atletas em formação**: entre a escolarização e a vida futebolística de jovens no Rio de Janeiro e em Santa Catarina. Trabalho apresentado durante II Simpósio de Futebol: Migrações e Sociabilidades – PPGICH/UFSC, 02 a 03 de maio de 2012.

BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser desportista? In: _____. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.
BROHM, Jean-Marie. **Sociología política del deporte**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1978.

DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. RJ: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Departamento de Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

_____. Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 66, p. 139-209, fev. 2008.

DURKHEIM, Émile. A educação, a sua natureza e o seu papel. In: _____. **Educação e Sociologia**. Lisboa: Ed. 70, 2001.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

GADOTTI, Moacir. Educação e mudança social: educação e lutas de classe. In: _____. **Pedagogia da práxis**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 1998.

GOLDEMBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

GUARESCHI, Pedrinho A. O aparelho ideológico da escola. In: _____. **Sociologia crítica: alternativas de mudança**. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1990.

GUIMARÃES, Elisabeth da F. Quem é o aluno da escola noturna? **Revista Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 6, n. 12, p. 71-82, jan/dez. 1992.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

HABERMAS, Jürgen. Modernidad: un proyecto incompleto. **Punto de Vista**, Num. 21, 1984, p. 27-31.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. Madrid: Alianza Editorial; Buenos Aires: Émece Editores, 2007.

KORSAKAS, Paula; ROSE JUNIOR, Dante de. Os encontros e desencontros entre esporte e educação: uma discussão filosófico-pedagógica. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, 2002.

LASH, Christopher. **A cultura do narcisismo**: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

MACHADO NETO, Antonio Luis. **Sociologia básica**. São Paulo: Saraiva, 1982.

MAGNANE, Georges. **Sociologia do esporte**. SP: Perspectiva, 1969.

MESZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

NEIRA, Marcos Garcia. Programas de educação pelo esporte: qual formação está em jogo? **Rev. Movimento e Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, SP, v. 10, n. 14, 2009.

OLIVEIRA, Victor E. et al. Esporte e escola na educação de jovens: conciliação ou antagonismo? EF Deportes, **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 15, n. 144, mai. 2010.

Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd144/esportes-e-escola-na-educacao-de-jovens.htm>>. Acesso em: 19 mar. 2013.

PERES, Lila; LOVISOLO, Hugo. Formação esportiva: teoria e visões do atleta de elite no Brasil. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 211-218, 2. sem. 2006.

PIMENTEL, Álamo. Escola, educação e gestão da vida. **Ponto de Vista**, Florianópolis, v. 1, n. 12, 2004.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiro no exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p.21-65, dez. 2008.

ROCHA, Hugo Paula Almeida da et al. Jovens Esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 2, p. 252-263, 2011.

RODRIGUES, Alberto T. **Sociedade, educação e desencantamento**. In: _____. Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio; ou, da educação. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves et al. Mercado, escola e a formação de jogadores de futebol no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 16, 2009, Salvador, **Anais...** Salvador, 2009, p. 1-11. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/CONBRACE/XVI/paper/view/1000/817>>. Acesso em: 19 mar. 2013.

SOUZA, Camilo Araújo Máximo de et al. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n 30, p. 85-111, dez. 2008.

TORRI, Danielle; ALBINO, Beatriz S.; VAZ, Alexandre F. Sacrifícios, sonhos, indústria cultural: retratos da educação do corpo no esporte escolar. SP: **Educação e Pesquisa**, v. 33, n. 3, 2007.

TUBINO, Manoel José Gomes. **O que é esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

VIACELLI, Somoara. Desporto e rendimento escolar. EF Deportes, **Revista Digital**, Buenos Aires, Ano 8, n. 55, dec. 2002. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd55/despor.htm?>>. Acesso em: 19 mar. 2013.

ZALUAR, Alba. **Cidadãos não vão ao paraíso**. São Paulo: Escuta; Campinas: Ed. Universidade Estadual de Campinas, 1994. p. 59-97.